

## O CICLO DA BORRACHA NA AMAZÔNIA: NAS LINHAS DA HISTÓRIA E NAS ENTRELINHAS DA LITERATURA

Valderiza de Almeida Alves (UFAM)<sup>1</sup>

**Resumo:** O ciclo da borracha é uma temática que permeia grande parte das obras literárias e históricas de meados do século XIX e XX na Amazônia. O grande volume de produções desse período evidencia a importância que esse evento teve na história do Brasil e também no mundo. Isso porque o látex, por meios de técnicas específicas, a vulcanização, se tornou comercializável nacional e internacionalmente. Com os olhos fitos à Amazônia, o mundo do seringal foi aos poucos sendo descortinado sob as perspectivas históricas bem como literárias. O presente artigo propõe discutir, a representação do ciclo da borracha nas linhas da História e nas entrelinhas da Literatura, buscando compreender como foi visto esse episódio que marcou o mundo amazônico. **Palavras-chave:** História; Literatura; Amazônia; ciclo da borracha.


### Introdução

Se no passado as ciências buscavam isoladamente autoafirmar-se, a tendência na atualidade é a busca por aproximações, que não excluam o caráter das ciências enquanto autônomas, mas que contribuam de maneira plural para o desenvolvimento de abordagens comuns aos respectivos campos e paradoxalmente delimitem suas especificidades. A virada da historiografia para os estudos culturais, a partir da década de setenta do século XX, impulsionada pela preocupação com o simbólico e suas interpretações, proporcionou o surgimento de novos territórios a serem explorados pela pesquisa histórica. Nesse ínterim, se observa a aproximação da História com a Literatura.

Os diálogos entre essas ciências se revolvem no plano epistemológico, “mediante aproximações e distanciamentos, entendendo-as como diferentes formas de dizer o mundo, que guardam distintas aproximações com o real” (PESAVENTO, 2004, p. 80). Um debate já antigo que remonta os tempos de Tucídides e Heródoto e que ainda causa estranheza no mundo acadêmico é a ficcionalização da história. Isso acontece porque “o historiador, quando constrói sua narrativa sobre o passado, tem uma pretensão a atingir a veracidade” (PESAVENTO, 2003, p. 36) e falar em ficcionalização da história seria, grosso modo, entendê-la como fingimento, fantasia, invenção e criação. Sem querer encerrar o significado de ficção a conceitos tão simplórios, é válido considerar o estudo de Carlo Ginzburg sobre a palavra, ao referi-la como “*fictio*, ligada a *figulus*, oleiro, que

---


<sup>1</sup> Graduada em História (UNIMONTES), mestranda em Letras – Estudos Literários (UFAM). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM). Contato: valderizaalves@yahoo.com.br



implica uma construção a partir do real” (GINZBURG *apud* PESAVENTO, 2003, p. 34), entendida por Pesavento como uma “*forma positiva e construtiva*, uma saída entre a verdade e a mentira, lugar que seria ocupado, por exemplo, pelo mito, pela Literatura e ... pela História! ” (PESAVENTO, 2003, p. 34)

Ao situar ficção para além do verdadeiro e do falso, Ginzburg (2007, p. 9), observou que entre as narrativas ficcionais e as históricas há uma “contenda pela representação da realidade”, “um conflito feito de desafios, empréstimos recíprocos, hibridismos”. Estamos “diante de uma *construção social da realidade*, obra dos homens, representação que se dá a partir do real, que é recriado segundo uma cadeia de significados partilhados” (PESAVENTO, 2003, p. 35). A História e a Literatura, cada uma a seu modo, com diferentes discursos, recriam o mundo por meio de representações. Burke (2008), dialogando com Foucault, observou que é preciso deixar lugar para o imaginado e ir muito além de uma ideia empobrecida do real. Entretanto, existem algumas limitações que pesam sobre o trabalho ficcional do historiador: as fontes históricas. Estas limitam o historiador devido aos rigores dos métodos e a finalidade de atingir uma verdade possível. Enquanto a história se ocupa em buscar a verdade através dos vestígios deixados pela humanidade ao longo do tempo, a Literatura, “cria uma modalidade narrativa referencial ao mundo, com pretensão aproximativa. Não precisa comprovar ou chegar a uma veracidade, mas obter uma coerência de sentido e um efeito de verossimilhança” (PESAVENTO, 2003, p. 3). Desse modo, observamos que tanto a História quanto a Literatura obtêm o mesmo efeito de verossimilhança, com a diferença de que o historiador tem uma aspiração pela verdade.

Apesar das peculiaridades de cada área, o diálogo não apenas é possível como também é fundamental. Esse pode ocorrer de diversas maneiras, seja através da narrativa, da ficção, do imaginário ou da representação. Para esse estudo, optamos em refletir essas aproximações a partir do conceito de representação, descrito por Chartier (1990, p.20), como um “instrumento de um conhecimento mediador que faz ver um objeto ausente através da substituição por uma imagem capaz de o reconstituir em memória e de o figurar como ele é.” Notadamente, representar é apresentar de novo. E mesmo com discursos distintos, tanto a História quanto a Literatura, almejam representar inquietações e questões que mobilizaram os homens em cada época de suas histórias. Nesse sentido, o objetivo deste texto é realizar uma análise comparativa sobre a representação do ciclo da




borracha nas linhas da História e nas entrelinhas da Literatura, desvelando um período na história da Amazônia que até hoje é motivo de muitos estudos e questionamentos que vão muito além do tema aqui proposto.

### **1 O ciclo da borracha nas linhas da história**

O Brasil conheceu vários ciclos na economia que renderam vultosas produções e um expressivo quantitativo econômico. Dentre os ciclos que tiveram importância significativa em território brasileiro, podemos destacar o do pau-brasil, da cana de açúcar, do ouro, do algodão, do café e o da borracha. A maioria dos ciclos econômicos passam pelas seguintes fases: descoberta, auge, declínio, recuperação, estagnação e substituição deste por outro. É claro que isso não é uma regra, há ciclos que não conhecem todas elas, ou pelo menos não nessa ordem. Temos o exemplo do ciclo da borracha, em que a substituição já fora feita logo na descoberta. Simultaneamente ao gomífero, desenvolveu-se no Vale do Paraíba e no oeste paulista a cultura do café que por estar geograficamente mais próximo ao governo central, recebeu maior importância e investimentos.

Antes da chegada do europeu à América, os mesoamericanos já conheciam a propriedade da espécie nativa que possibilitou a exploração e progresso econômico na região amazônica. “O próprio Cristóvão Colombo dá a notícia de sua existência, em uma segunda viagem à América, observando os habitantes do Haiti utilizarem o látex na fabricação de bolas miraculosas” (SOUZA, 2009, p. 238). No século XVIII, à serviço da Academia de Ciências de Paris, o sábio francês Charles Marie de la Condamine foi à América do Sul para determinar com precisão os meridianos e assim demonstrar que a terra era achatada nos polos. Não diferente dos demais estrangeiros que passaram pela Amazônia, la Condamine registrou minuciosamente a exuberância da região. A seringueira foi um dos recursos naturais que despertou o seu interesse. Assim, em 1736, o astrônomo descreve “rudimentarmente o processo de coleta e preparação de tais bolas e de outros objetos já correntemente usados pelos colonos portugueses, como bombas, seringas, garrafas e botas” (SOUZA, 2003, p. 102). A partir daí, iniciou-se o emprego industrial da goma na Europa.

A grande dificuldade encontrada, a princípio, foi tornar a goma resistente ao calor e ao frio e mesmo assim manter a sua elasticidade inalterada. Charles Goodyear, em 1844, desenvolveu a vulcanização. Esse processo era a resposta que a indústria europeia precisava para alargar consideravelmente no processo industrial. Com a combinação de




enxofre, a borracha passou a adquirir maior força, elasticidade e resistência a altas e baixas temperaturas. Souza (2009), assinala que o rápido desenvolvimento tecnológico dos países industrializados fez com que o mercado internacional recusasse os rudimentares produtos artesanais que vinham do Brasil. A grande procura não era mais por produtos clandestinos<sup>2</sup> manufaturados do Brasil, mas sim da borracha silvestre, como matéria-prima. Houve uma corrida à extração do *ouro negro*. “Onde existia árvore produtora de látex registrou-se a aventura” (REIS, 1997, p. 105).

A compra de terras não era a base para montar um seringal. Os seringais formavam-se pela ocupação de áreas onde tinha em maior quantidade a *hevea brasiliensis*. Apesar de aparentemente simples, era uma “tarefa inacessível ao mais solerte agrimensor, tão caprichosa e vária é a diabólica geometria requerida pela divisão dos diferentes lotes” (CUNHA, 2011, p. 219). O mateiro, por ter conhecimento da floresta para marcar as “estradas”, é quem desempenhará essa ocupação.

O número de seringueiros dependia da quantidade de seringueiras encontradas por área. O funcionamento do seringal ainda necessitaria de mercadorias suficientes para alimentá-los. Esses artigos de consumo geralmente vinham das casas aviadoras que eram “estabelecimentos comerciais que despachavam mercadorias aos seringais mediante pagamento em pelotas de borracha” (LOUREIRO, 1982, p. 31). Além de fornecerem créditos nas mercadorias, as casas aviadoras muitas vezes financiavam a vinda dos seringueiros à Amazônia. Porém, a maioria deles, desde 1852, eram transportados pela Companhia de Navegação e Comércio do Amazonas, uma linha de transportes de mercadorias, criada pelo Barão de Mauá e que também era responsável por transportar nordestinos para o trabalho de coleta do látex. Esse empreendimento do governo, fazia parte de um plano maior, que constituía uma dupla solução para o governo do Norte e Nordeste: “aumentava a oferta de mãos de obra nos seringais amazônicos e diminuía o excedente populacional no Nordeste, que aumentava com o desenvolvimento da economia algodoeira no início do século XIX” (LIMA, 2009, p. 40). É desse período o

---

<sup>2</sup> Sobre esse assunto Márcio Souza comenta que o comércio amazônico, se tinha meios de burlar a alfândega portuguesa, não conseguiria superar as proibições para a instalação de estabelecimentos industriais, e, assim, a indústria da borracha, cercada pelas leis coloniais, atrofiaria na caminhada aniquiladora que iria, mais tarde, absorver as outras formas da economia regional. De atividade manufatureira, retrocederia para o extrativismo em rápida ascensão. (SOUZA, 2009, p. 239)




slogan “terra sem homens para homens sem terras”, como estímulos à migração do nordestino à Amazônia.

No entendimento dos estudiosos desse período, além dos incentivos governamentais, há pelo menos mais dois motivos aparentes para a migração do nordestino: 1) o espírito arrivista e aventureiro – que não é unânime, uma vez que “não há um tipo essencialmente aventureiro” (BENCHIMOL, 2010, p. 287), visto que as razões modificavam à medida que chegavam na região; e 2) a seca – que assolou o sertão nordestino em 1870, justificaria a maioria dos casos, devido à falta de condições de sobrevivência na região.

A viagem até os seringais era exaustiva. Centenas de migrantes eram transportados em condições subumanas nos infectos porões de navios, muitos desses conhecidos por gaiolas. O nordestino já chegava nos seringais “com uma pequena experiência, advinda das primeiras conversas nos ‘portos de lenha’, nas cidadezinhas da beira do rio...” (BENCHIMOL, 2010, p. 204). “Chegavam como ‘brabos’, que desconheciam por completo aquele ofício ordinário do corte da seringa, mas aos poucos iam se tornando ‘mansos’, por meio da dura aprendizagem, orientados por outros conterrâneos que chegaram antes deles” (GUEDELHA, 2013, p. 247). Miranda Neto (1986, p. 45), ressalta que o nordestino na Amazônia começava sempre a trabalhar endividado,

pois via de regra obrigavam-no a reembolsar os gastos com a totalidade ou parte da viagem, com os instrumentos de trabalho e outras despesas de instalação. Para alimentar-se dependia do suprimento que, em regime de estrito monopólio, realizava o mesmo empresário com o qual estava endividado e que lhe comprava o produto. As grandes distâncias e a precariedade de sua situação financeira reduziam-no a um regime de servidão.

Além disso, a solidão era muito comum nos seringais, inclusive no Acre, onde a densidade maior das seringueiras permitia a abertura de dezesseis estradas numa légua quadrada, toda essa vastíssima área era folgadoamente explorada por oito pessoas apenas, como assinala Cunha (2011). Isolado na mata fechada, “o seringueiro opulento estadeia o parasitismo farto, pressente que nunca mais se livrará da estrada que o enlaça, e que vai pisar durante a vida inteira, indo e vindo, a girar estonteadamente no seu monstruoso círculo vicioso de sua faina fatigante e estéril” (CUNHA, 2011, p. 221). Para o seringalista, a constituição de família seria um empecilho para o negócio da borracha, pois assim como a agricultura de subsistência, significavam redução de produção nos




seringais. Por isso, a mulher era tão escassa, principalmente no auge da produção de borracha. Com essa escassez de mulheres no seringal, tornaram-se comuns as práticas homossexuais, assim como alguns desvios sexuais: o onanismo, a zoofilia, dendrofilia, pedofilia, entre outras.

Souza (2003), confirma que a presença feminina era rara, quase sempre em sua mais lamentável versão e que chegava ao seringal sob a forma degradante de prostituição. Eram mulheres velhas, doentes, em número tão pequeno que mal chegavam para todos os homens, eram comercializadas a preços aviltantes.

Esse comércio era feito pelo próprio seringalista, sendo detentor do título de coronel, resolvia todos os percalços no mundo do seringal. A patente de coronel ou “coronel de barranco”, não era oficial, sendo ressalvada pelo grau de importância que os proprietários dos seringais tinham na região. Através dessas relações políticas locais, os seringalistas tinham amplos poderes sobre o seringueiro. Se este estivesse em débito com o seringalista, o que ocorria na maioria das vezes, o seringalista poderia caçá-lo, com o auxílio do poder público, e recebê-lo de volta.

O auge do ciclo da borracha se deu no ano de 1911. Após esse ano, o que se viu foi uma queda vertiginosa nas exportações da seringueira como matéria-prima. A Coroa Inglesa logo encontrou meio de quebrar o controle brasileiro sobre o produto: tratou de cultivar as seringueiras nas colônias do Oriente, desenvolvendo ali um sistema de plantio racional, diferentemente da Amazônia, que não eram plantadas, por serem nativas. Com investimentos nas técnicas do plantio, os ingleses ofereceram ao mercado mundial abundância do produto a um baixo custo.

O Estado brasileiro “eximiu-se de lutar pela borracha e recusou qualquer envolvimento dos cofres públicos com subsídios aos empresários da borracha” (SOUZA, 2009, p. 236). Era muito mais cômodo para o governo brasileiro investir no café, no centro-sul, do que na produção da borracha perdida nos confins da Amazônia. Até que na Segunda Grande Guerra um investimento feito em conjunto pelo governo brasileiro e os Estados Unidos objetivava produzir borracha silvestre para suprir os Aliados, visto que o japoneses (do Eixo) invadiram os seringais do Oriente. Os estoques de borracha dos Aliados começaram a diminuir muito, e a produção brasileira no mercado não era suficiente para a demanda. Além de aumentar a produção em pouco tempo, foi imprescindível a mobilização de milhares de migrantes nordestinos rumo à Amazônia, os




chamados “soldados da borracha”. Após a vitória do Aliados, para os Estados Unidos não compensaria mais investir no Brasil, e novamente a borracha brasileira caiu no marasmo econômico, e a Amazônia procurou aos poucos se recuperar através do extrativismo de produtos da terra.

## **2 O ciclo da borracha nas entrelinhas da literatura**

Como já referido, a temática do ciclo da borracha foi frequentemente visitada e estudada no final do século XIX e início do século XX pelos veios históricos e literários. Na Literatura, a preocupação em retratar a saga do nordestino à Amazônia se fez sentir logo nas primeiras obras a abordar o ciclo, como no *Paroara* (1899), de Rodolfo Teófilo. Mário Ipiranga Monteiro citado por Lima (2009, p. 67), em uma crítica feita aos volumosos escritos desse período, observou que “(...) lamentavelmente todo contista que se inicia ou mesmo romancista já experimentado se deixa seduzir pelo denominador comum da economia da borracha (...)”. Monteiro criticou essas produções, declarando que elas contribuíram para se formar uma literatura infernista ao escandalizarem a paisagem e explorarem a tragédia em torno da figura opressora do coronel da borracha e da submissão do seringueiro. É fato que as descrições de seringalistas e seringueiros que vieram a lume pela ficção literária são apontadas na pesquisa histórica e também nos regulamentos do trabalho no seringal e se tornaram assuntos comezinhos durante o início do século XX.

É comum, na literatura, a imagem do seringalista como um padrão truculento, um estereótipo criado com base nas relações estabelecidas nos seringais, onde “o padrão seringalista submetia o freguês seringueiro a um regulamento que estabelecia mais vantagens ao padrão do que ao freguês” (LIMA, 2009, p. 71). Dessa forma, a dicotomia mocinho e vilão se tornou um tema recorrente na ficção do ciclo da borracha, sendo o seringueiro representado como ingênuo e subjugado, e o seringalista como um vil e cruel padrão.

Ao tomar conhecimento sobre algumas obras da época, percebe-se que o narrador põe-se claramente em oposição à personagem do coronel seringalista, sendo ele pintado com “cores fortes” que lhe acentuam o caráter perverso. A imagem do seringalista como perverso pode ser notada nos castigos aplicados aos seringueiros se infringirem o regulamento ou as ordens diretas do coronel, tais como: aprisionamento no tronco (*Terra de ninguém* e *A Selva*), castigos corporais (*Regime das águas*), queima de plantações



(*Coronel de barranco*), entre outros. As punições e os castigos físicos eram “uma forma do seringalista expressar sua autoridade e fazer-se respeitado. Expressando esse poder sem limites estabelecido no seringal” (LIMA, 2009, p. 80).


Enquanto os seringalistas, na ficção, têm traços tipificados à vileza, os seringueiros não possuem traços tão marcados, apresentam caracterização mais coletiva do que individual, transparecendo a ideia de sujeição, característica comum aos migrantes nordestinos. Os seringueiros são representados também como tristes, cabisbaixos e apáticos. Apesar da sujeição ao sistema, raramente na ficção se observam manifestações de revoltas de seringueiros contra o seringalista. A única revolta que o seringueiro consegue esboçar é contra si mesmo. “Sente-se culpado pela ‘ambição maldita’ que o cegou diante dos traficantes de gente que o iludiram lá nas paragens nativas, para em seguida entregá-lo, manietado, para um impune sistema de escravidão” (GUEDELHA, 2013, p. 237).

Essa revolta é descrita no texto de Euclides da Cunha (2013), “Judas-Ashvero”, em que os seringueiros constroem no sábado de aleluia um Judas a sua própria imagem para depois destruí-lo, num processo cheio de simbolismos. Após fazer o “monstrengo”, o seringueiro o põe na jangada a vaguar pelo rio a fora, e nesse processo de descer ao rio, a vingança do seringueiro se completa, o silencioso viajante recebe altos tiros, pedradas e malsinações, “dois ou três minutos de alaridos e tumulto, até que o judeu errante se forre ao alcance máximo da trajetória dos rifles, descendo ...” (CUNHA, 2013, p. 125). Para Guedelha (2013, p. 243-244), nesse texto sobressai a ideia da descida representada na trajetória do Judas-Asverus:

E ele é o alter ego do seu próprio criador, o seringueiro, cuja vida consiste em descer, degradando-se cada vez mais. E realça-se também a ideia de vingança. O viajante noturno da jangada improvisada recebe toda sorte de impérios e descarga de chumbo porque ele tem uma ousadia que o próprio seringueiro não consegue ter: ele abandona a ‘paragem maldita’ do seringal, e se liberta. Segue em frente sem nada temer, sendo que nem as saraivadas de tiros o detêm em sua viagem. Os seringueiros o alvejam por não terem essa coragem que ele tem e, indiretamente vingam-se de si mesmos.

Somada a essa resignação, outro fator também contribuiu decisivamente para a desdita do seringueiro: a falta de uma companhia feminina. Como se sabe, a presença feminina no seringal era muito rara. Conforme a lógica do seringalista, as mulheres






poderiam travar a produção da borracha. Com a ausência da mulher, os seringueiros se viravam como podiam para reverter o quadro de solidão e abandono. No conto “Zeca-dama” da trilogia “Três Estórias da Terra”, Erasmo Linhares (2005, p. 120), humoriza uma prática comum nos sábados ou domingos nos rincões dos seringais: a dança das quatro botas.

Mas, como eu já lhe falei, mulher que é bom não havia. Por isso dançava homem e foi aí que ganhei fama. Experimentei a primeira vez só pra gosto ao Dorca, companheiro que me ensinou a cortar seringa, com paciência de santo. E quando começamos a dançar, os outros foram parando abestados olhando nós dois saracoteando pela sala. Desde aquela noite fiz nome e renome. Não me lembro mais quem inventou a moda, mas os homens que dançavam como damas amarravam um pano na cabeça para diferenciar dos outros.

Conforme Guedelha (2013), muitas vezes, o calor da dança, somado ao estímulo do álcool e o apelo dos instintos, fazia aflorar desejos homossexuais em um dos dançantes, ou nos dois. E quando não correspondidas geravam, por vezes, atos de violência e assassinato. Os casos mais comuns de violências nos seringais eram os estupros de mulheres indígenas que viviam pelos arredores dos seringais e passaram a ser perseguidas e abusadas sexualmente. A violência ocorria também contra as mulheres de idades avançadas, meninas pré-adolescentes e até mesmo esposos de mulheres que eram atacados e mortos por outros seringueiros que tinham desejos pelas suas mulheres. A ausência da mulher “possibilita enfocar a prática do bestialismo, através do qual o seringueiro procura satisfazer o instinto sexual com fêmeas animais, entre elas a fêmea do boto e a égua” (LIMA, 2009, p. 89). Essa penosa situação legou uma mentalidade utilitarista em relação à mulher. Era muito comum a encomenda de prostitutas da capital para os seringueiros se divertirem ou até mesmo casarem, se porventura, tivessem saldo. É o que vemos no conto “João Carioca: mandão e famão – Juiz de paz”, de Linhares (2005, p. 127):

Já lhe contei uma vez, uma mulher por aqui não havia, de começo (...), João Carioca sabia disso e sabia cuidar muito bem do caso. Mulher era prêmio. Trabalhou, ele arranjava mulher, (...) as decaídas na zona mesmo. (...) Enfeitava toda a mulherada e trazia de navio pra Manaus e de lá pra cá (...). Já perto do natal ele saía de viagem pra visitar os seringais, um a um. (...) e parava em cada porto. Parava, mandava chamar o seringueiro e o diabo do escrivão do lado, na mesa um livrão de capa dura, cheia de desenhos imitando couro. (...) Estava tudo ali anotado. Era a hora do prêmio pelo trabalho que o cabra tinha feito como escravo, o ano todo.




Era necessário ter saldo para ter uma mulher e também para permanecer com ela: “se o seringueiro não conseguia quitar a sua dívida, e era casado, o patrão tomava-lhe a mulher para dá-la a outro seringueiro que tivesse saldo. O seringueiro que recebia a mulher assumia a dívida do outro, e este ficava quite com o patrão” (GUEDELHA, 2013, p. 8). Assim sendo, o seringalista poderia usar a mulher do devedor como moeda de troca, uma “transferência de débito, com o assentimento do credor, por saldo de contas” e que era “o mais comum dos arranjos comerciais”, conforme relata Rangel (2001, p. 126). Esses arranjos nem sempre acabavam bem. Após o acordo comercial, o seringueiro sentia como se estivesse aliviado de um fardo, mas ao mesmo tempo, recordava os momentos que tinha vivido ao lado da amada, “as carícias ardentes da moça iriam agora aplicar-se em outro ... Fora-lhe bem duro apartar-se; mas ‘era o jeito’. E o seringueiro procurava abafar pensamentos que o incomodavam” (RANGEL, 2001, p. 128).

Essa é a história de Sabino, que negociou sua esposa Maiby para pagar uma dívida acumulada ao longo de quatro anos. Invaso por “um misto de saudade e ciúme que aos poucos se apossava dele” (GUEDELHA, 2013, p. 8), a solução encontrada por Sabino foi crucificar a mulher e fincar-lhe no corpo doze tigelas, postas ali para aparar-lhe o sangue, à maneira de látex. Após esse ato bárbaro, “Sabino enlouquecera e, vagando pela selva, não muito longe dali, contorcia-se desesperadamente em paroxismos epiléticos” (GUEDELHA, 2013, p.10). Para Lima (2009, p. 90-91), esse desfecho possibilita relacionar a mulher com a seringueira:

Como a seringueira, a mulher não pertence ao seringueiro, é um bem do qual só pode usufruir quem sobre ele adquire direito. ‘Maiby’ passa a ser propriedade de Sérgio porque ele possui condições de tê-la. A seringueira, por sua vez, pertence ao patrão que domina os meios de produção do seringal. Sabino tem a ilusão de que a seringueira lhe pertence porque é o extrator de sua riqueza, assim como ilude-se que a mulher lhe pertence quando, de fato, ela pertence a quem pode pagar por ela. As posses mal realizadas da seringueira e da mulher só podem ser compensadas com a morte de ambas. Cortar a seringueira para extrair seu leite é uma forma de matá-la, sangrar a mulher até que se esvaia todo o seu sangue, também.

A leitura do livro *Inferno Verde* sem informações prévias das peculiaridades dos seringais amazônicos, provoca medo e indignação, especialmente no que tange ao assassinato de Maiby, mas à medida que consulta a literatura sobre o período, constata que tal brutalidade é constante. Daí muitos criticarem as produções da época alegando uma certa tendência à poética da violência.



Em suma, a representação do ciclo da borracha pelos veios literários demonstra que esse fato não ficou isolado. Apesar de algumas críticas surgirem sobre ter se formado uma literatura infernista, o que se observa, é a preocupação em retratar, por meio de artifícios literários, alguns temas que não foram tão bem explorados quando o assunto era retratar a Paris dos Trópicos. Hoje, muitos estudiosos recorrem à Literatura no intuito de desvendar o que por muito tempo se omitiu sobre a condição do seringueiro na Amazônia.

### **Considerações Finais**

Como vimos, a representação é uma construção intertextual acerca de um fato passado, apresentando-o de novo. A História e a Literatura utilizam de alguns elementos ficcionais para reconstruir o passado e mostrá-lo de novo. Quando um fato se torna controverso, vemos uma atenção pela busca da realidade por parte de historiadores e também de literatos, como se percebe nas descrições dos contos referentes ao ciclo da borracha na Amazônia.

Nesse sentido, verificamos através de uma lente microscópica, sob a percepção da ficção literária e histórica, o mundo dos seringais. Como se percebeu, a contribuição que a Literatura dá à História é necessária e vice-versa. Então entendemos que as proximidades dessas disciplinas ampliam os conhecimentos e possibilitam novas abordagens. Por fim, vimos que o contato entre essas ciências se faz necessário. Essa relação é saudável e não faz as especificidades de cada área desaparecerem.

### **Referências**

BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: um pouco-antes e além-depois*. 2ª ed. Revisada. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2010.

BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_. *Romanceiro da batalha da borracha*. Manaus: Imprensa Oficial/Governo do Estado do Amazonas, 1992.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural*. RJ: Bertrand, 1990.

CUNHA, Euclides da. *Amazônia: Um paraíso perdido*. 2ª ed. Manaus: Editora Valer, 2011.

GINZBURG, Carlo. *Olhos de Madeira*, 2002. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. “O mundo como texto: leituras da História e da Literatura.” *História da Educação*, ASPHE/FaE/3UFPel, Pelotas, n. 14, p. 31-45, set. 2003.

GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros. Verdadeiro, falso, fictício*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

GUEDELHA, Carlos Magalhães. *A Metaforização da Amazônia em textos de Euclides da Cunha*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis - SC, 21 de junho de 2013, p. 234 – 251.

\_\_\_\_\_. “O abrasamento sexual nos seringais amazônicos, por Alberto Rangel e Ferreira de Castro”. Agosto – n. 9, 2013, disponível em <<http://oguari.blogspot.com.br/2013/09/o-abrasamento-sexual-nos-seringais.html>>

LIMA, Lucilene Gomes. *Ficções do ciclo da borracha: A selva, Beiradão e O amante das Amazonas*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009.

LINHARES, Erasmo do Amaral. *O tocador de charamela*. 3ª ed. Manaus: Valer, 2005.

LOUREIRO, Antônio J. S. *Amazônia: 10.000 anos*. Manaus: Metro Cúbico, 1982.

MIRANDA NETO, Manoel José de. *O dilema da Amazônia*. 2. Ed. Belém: Cejup, 1986.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. *Fatos da literatura amazonense*, 1976. In: LIMA, Lucilene Gomes. *Ficções do ciclo da borracha: A selva, Beiradão e O amante das Amazonas*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009.

RANGEL, Alberto. *Inferno verde – cenas e cenários do Amazonas*. 5 ed. Manaus: Valer/ Governo do Estado do Amazonas, 2001.

SOUZA, Márcio. *A expressão amazonense: do colonialismo ao neocolonialismo*. Manaus: Editora Valer, 2003.

SOUZA, Márcio. *História da Amazônia*. Manaus: Editora Valer, 2009.

REIS, Arthur Cezar Ferreira. *O Seringal e o seringueiro*. 2ª ed. Manaus: Governo do Estado do Amazonas/EDUA, 1997.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. *História & História Cultural*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

\_\_\_\_\_. “O mundo como texto: leituras da História e da Literatura”. *História da Educação*, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, v. 7, n. 14, p. 31-45, set. 2003.